

A close-up photograph of a traditional Xingu mask. The mask features a dense, woven pattern of black and white threads, forming a series of interlocking triangles and zig-zags. Several long, light-colored sticks are attached to the mask, each topped with a dark, feathery tuft. The background is a solid, deep red color.

**MÁSCARAS DO XINGU:
Os Seres Apapaatai e Suas
Histórias.**

Máscaras do Xingu: Os Seres Apapaatai e Suas Histórias

A produção de máscaras indígenas sempre apresenta um contexto do sagrado. São compreendidas como uma indumentária ritualística que podem fazer a representação de criaturas e seres sobrenaturais, antropomorfos e zoomorfos. O termo máscara se refere a todo o traje e não somente a parte que cobre a face.

A cosmo percepção do Médio e Alto Xingu conta que em tempos imemoriais o mundo estava coberto por uma escuridão total e que na superfície da terra existiam os seres chamados de Yerupoho. Um dia nasceram os heróis míticos da luz: o Sol e a Lua. A partir deste momento os Yerupoho que eram sensíveis a luz tiveram que se esconder no fundo dos rios.

Os Yerupoho criaram complexas indumentárias para se proteger da claridade, máscaras e outros objetos com identidade, se tornaram Apapaatai. Todos os Yerupoho possuem uma potência xamânica, para entrar em contato com os seres humanos e míticos.

As máscaras produzidas para os Apapaatai são a transformação do que é invisível para o visível. Elas exercem várias atividades, são equipamentos, principalmente de cura, pois são uma condição fundamental ao ritual.

Apresentar essa exposição para o público visitante é uma imersão e mais uma faceta do universo cosmológico e mitológico dos povos indígenas do Brasil.

A mostra oferece novas possibilidades de compreensão a partir da produção de objetos que fazem uma ressignificação entre o "saber – fazer" e a conexão com os seres de outras dimensões.

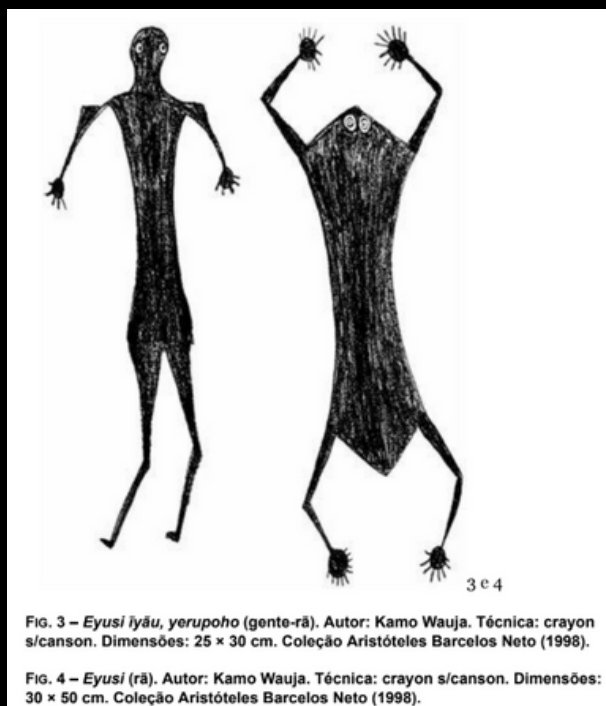
Parque Indígena do Xingu:

O Parque Indígena do Xingu (PIX) está no nordeste do Estado do Mato Grosso (2.642.003 hectares), com uma grande biodiversidade e uma transição de florestas, entre cerrados e campos, florestas de várzea e de terra firme. O parque se divide em três partes sendo o norte (Baixo Xingu), a região central (Médio Xingu) e o Sul (Alto Xingu) e ali dentro vivem 16 etnias: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kisêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Waurá, Tapayuna, Trumai, Yudjá e Yawalapiti.

A região do Médio e Alto Xingu apresenta uma similaridade cultural por conta de uma origem semelhante e uma continua relação de trocas de presentes, casamentos e rituais intergrupais. Entre eles o ritual dos Apapaatai, a maneira como são chamados esses espíritos na língua Waurá, mas que pode possuir outros nomes como: Apapalutápa em Yawalapíti; Apapayêi em Mehinako; Mamaé em Kamayurá.

Seres extra-humanos:

A cosmo percepção de Médio e Alto Xingu conta que em tempos imemorais o mundo estava coberto por uma escuridão total e que na superfície da terra existiam os seres chamados de *Yerupoho*. Um dia nasceram os heróis míticos, o Sol (*Kamo*) e a Lua (*Kejo*), e como os seres *Yerupoho* eram de escuridão, não conseguiram suportar o calor do sol pois ele queimava sua pele.



Para se proteger os *Yerupoho* criaram complexas indumentárias para que conseguissem se esconder. Mas essas indumentárias não eram somente roupas, ao utilizar essas vestimentas os espíritos assumiam sua identidade, se tornando *apapaatai*.

Além das máscaras os espíritos podem se manifestar como painéis, flautas, zunidores entre outros objetos do cotidiano e elementos da natureza como animais ou fenômenos naturais. Quando o sol de fato apareceu os seres que conseguiram se vestir se esconderam nos rios e de baixo da terra, onde a escuridão permanece, já aqueles que não se vestiram foram deformados pelo sol e se transformaram em animais e plantas.

Aconteceram duas transformações entre os *Yerupoho*, que formam duas categorias *apapaatai*: Existem os que conseguiram se vestir de forma rápida e são seres extra-humanos visíveis (animais) e invisíveis (seres de natureza monstruosa). E existem os que não conseguiram se vestir e são chamados de *apapaatai iyajo*, que não utilizam roupa, são seres extremamente perigosos que devoram ou matam os seres mais fracos, incluindo seres humanos.

A existência no Médio e Alto Xingu se organiza em três categorias:

- 1.Seres *~iyãu*: que são os seres humanos ou com aparência humana.
- 2.Seres *mona*: que são os animais plantas e artefatos.
- 3.Seres *Kumã*: que seriam os monstros, divididos entre *Yerupoho*, *apapaatai iyajo* (verdadeiro) e *apapaatai ona~i*.

Os seres *kumã* costumam se apresentar de duas maneiras, além de sua forma monstruosa, possuem uma versão visível e enfraquecida que será representado pelos seres *mona*. Os *Yerupoho* são seres complexos que podem se apresentar em categorias *~iyãu* e *kumã*, são concebidos como "gente" e monstro. Essa dualidade se apresenta na noção de "roupa" onde é exteriorizada o animal ou monstro de uma interioridade antropomorfa ou zoomórfica.

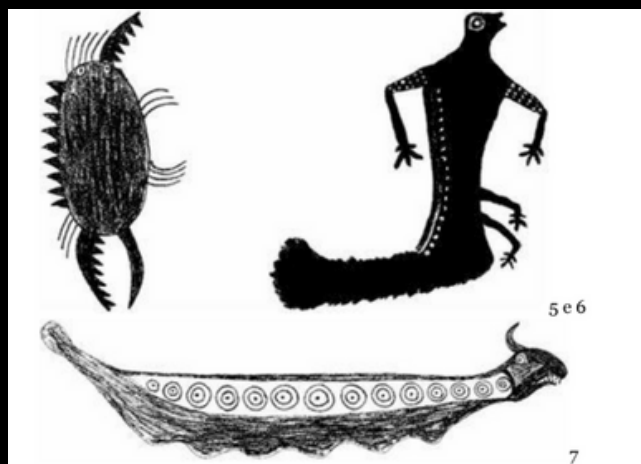


FIG. 5 – *Eyusi kumã*, *apapaatai iyajo* (rã-monstro). Autor: Kamo Wauja. Técnica: crayon s/canson. Dimensões: 25 x 30 cm. Coleção Aristóteles Barcelos Neto (1998).

FIG. 6 – *Meyejo kumã*, *apapaatai iyajo* (gambá-monstro). Autor: Kamo Wauja. Técnica: crayon s/canson. Dimensões: 30 x 50 cm. Coleção Aristóteles Barcelos Neto (1998).

FIG. 7 – *Mepelesi kumã*, *apapaatai iyajo* (sanguessuga-monstro). Autor: Kamo Wauja. Técnica: crayon s/canson. Dimensões: 30 x 50 cm. Coleção Aristóteles Barcelos Neto (1998).

Todos os *Yerupoho* possuem uma potência xamânica, que é o que vão utilizar para entrar em contato com os seres humanos, raptando suas almas e negociando uma devolução.

Os *apapaatai* são definidos como tudo o que temporária ou permanentemente passou por uma transformação, de uma forma antropomorfa para uma foram animais, monstruosa, um fenômeno natural etc. As máscaras por exemplo são uma transformação temporária, enquanto as mudanças causadas nos *yerupoho* pelo sol são transformações permanentes.

A doença:

O conceito de *ojutai ogamawato* (alma do olho), é compreendido como uma substância vital (*paapitsi*). Seria a alma, constituída de consciência e memória e que se encontra no centro do olho de cada indivíduo. Mas a *paapitsi* é frágil e por isso se torna o maior alvo de ataque e de roubo por parte dos *apapaatai* e dos *yerupoho*.

O roubo de uma alma se manifesta com a doença. O roubo da alma acontece quando os espíritos desejam o uso ou consumo de elementos produzidos pelos humanos e que não existem dentro do fundo dos rios, floretas e mundo subterrâneo. Para causar a doença os espíritos inserem uma parte de sua essência dentro da pessoa, essa essência é descrita como uma substância preta *iyalawû* (língua Mehinako) e dessa maneira iniciam o roubo da alma. Cada *apapaatai* pode estar associado a várias doenças diferentes e pode adoecer mais de uma pessoa em sua existência. E uma única pessoa pode ser afligida por mais de um espírito, tornando o processo de cura mais complexo.

Para doenças mais fracas a cura pode chegar somente com o uso da fumaça de tabaco. No caso de doenças mais fortes o processo de cura é mais demorado e sobreviver a uma doença forte significa criar uma conexão com o espírito que irá proteger o indivíduo, o que é considerado um privilégio. Durante o processo de adoecimento acontece uma negociação de uma aliança que será estabelecida principalmente a partir de uma produção de objetos, cantos e performances associadas a certo espírito.

Mas é importante ressaltar que a doença não é necessariamente algo ruim. Para os *apapaatai* a captura de uma alma é um ato de proteção e para os indígenas tanto a doença quanto a festa do espírito são um ato de comunicação e interação com a sua sociedade, mesmo que parte dela seja invisível.

Os espíritos costumam atingir aqueles que tem a alma enfraquecida como crianças que ainda não tem a alma fixa ao corpo, mulheres e idosos que possuem a alma enfraquecida e vulnerável. Outro elemento que pode atrair apapaatais são os desejos não realizados.

Yakapá:

A doença, a morte e o roubo das almas são a maneira que se relacionam os seres extra-humanos e os seres humanos. A doença e o roubo das almas são intermediados por uma das três classes de xamãs: o *Yakapá* (aquele que corre semiconsciente), é ele que possui a habilidade de visualizar o *apapaatai* ou *yerupoho*.

A visão é estruturada de maneira hierárquica, dessa maneira é o nível de ocultamento visual que demonstra o tamanho do poder, perigo ou importância de um elemento. E a capacidade de curar está diretamente ligada a possibilidade de o *Yakapá* conseguir visualizar o feitiço ou o tipo de apapaatai afligindo o doente. Um elemento que auxilia a habilidade de visualização é o uso do tabaco, pois a fumaça estimula os sonhos que são a maneira de adquirir informações visuais e sonoras. O tabaco permite que os xamãs tenham uma visão do interior do doente e do que invisível que está no exterior.

Eles recebem essa habilidade após conseguirem resistir a uma doença de *apapaatai*, mas decidiram por deixar em seus corpos a essência do espírito, que se concentra na garganta e nas mãos dos *yakapá*, mantendo um convívio permanente com o espírito e permanecendo como “doentes eternos”. Os espíritos aliados são chamados de *apapaatai ~iyakaunãu*. As aldeias podem possuir mais de um xamã desta classe, mas são sempre em pequenos números e a atividade não é fácil, sendo necessário um treinamento rigoroso e extenso.

Para fazer a retirada da essência *apapaatai* de dentro de um adoecido se inicia sessões de transe com o tabaco. Após essa primeira fase o doente precisa iniciar os preparos para a festa, para assim pagar o espírito. Também é necessário algum tipo de compensação ao *yakapá* pelos seus serviços de cura.

Festas de Apapaatai:

A partir do momento que a pessoa adoece inicia uma relação de troca e de negociações entre o humano e o espírito. As produções humanas feitas para o espírito dão início a festa/ritual do Apapaatai, onde o espírito terá acesso a comida, bebidas, músicas e festas.

As produções são específicas para cada espírito, seja os elementos gráficos que o representam ou seu alimento favorito por exemplo. Ao se realizar o ritual será estabelecido uma nova aliança entre humano e apapaatai.



Título: Panela Apapaatai
Etnia: Waurá
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena



Título: Panela Yerupoho
Etnia: Waurá
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

O doente em si não precisa participar do ritual, só é necessário que ele patrocine as produções, pois esses espíritos possuem uma avidez por diversão, festa, música, alimentos e bebidas e ao receber tais elementos daquele que adoeceu o espírito irá o curar e o proteger de outras tentativas de roubo de alma ou doença. Ele é responsável por designar as tarefas a serem feitas para o preparo e performance do ritual. Geralmente de acordo com o grau de parentesco, escolhendo primeiro parentes mais próximos e depois os mais distantes.

Ele se torna o dono da festa (*kawukamunã* em Mehinako ou *wekwho* em Waurá) e dono do *apapaatai* que o adoeceu e mantém essa relação ao longo de toda sua vida e patrocinando novas festas para manter uma forte ligação. Mas a condição de dono não é permanente e um único *apapaatai* pode ter mais de um dono, quando uma outra pessoa é atingida pela doença o dono pode escolher entregar o ritual à outra pessoa atingida ou manter a conexão, no caso de risco da volta da doença.

Essas festas são momentos de diálogo, partilha de alimentos e interação social entre indígenas e os espíritos. É o momento em que o doente faz um pagamento ao *apapaatai*, terminando a negociação de sua alma. Não buscam por uma superação em relação aos espíritos, mas sim um equilíbrio com eles, pois o desequilíbrio é perigoso não somente a um indivíduo (doente) mas para toda a comunidade e sociedade.

Para os indígenas Mehinako, a festa de cura dos *Apapayêi* acontece juntamente com a festa do Pequi, que tem como objetivos promover a fertilidade. As duas festas estão conectadas porque o *apapayêi ahira* é o dono do pequi e assim fica mais próximo da aldeia durante esse período junto de outros espíritos.

As Máscaras:

As máscaras produzidas para os espíritos não metáforas ou somente uma representação, elas são a transformação do que é invisível para o visível. Para as máscaras se aplica o conceito de *potalapitsi*: uma cópia fiel, uma figura, desenho, foto ou imagem. A máscara constitui uma roupa (*nai*), geralmente juntando quatro peças: a roupa para cabeça (*otowonai*), uma saia (*pisi*), uma calça (*puti*) e uma manga (*owana*). O formato da *otowonai* pode variar, mas não necessariamente oferece informações sobre a identidade específica da máscara, isso será transmitido pelos grafismos e marcas.

Elas incorporam os espíritos e permitem que eles exerçam várias atividades, são equipamentos, principalmente equipamentos de cura, pois são uma condição fundamental ao ritual. Assim as máscaras são roupas ao espírito, não um tipo de espírito.

E o espírito a qual pertence a máscara pode ser observado não somente através dos grafismos presentes nos objetos, mas principalmente pela performance ritual. Só se pode conhecer a identidade de um espírito ao observar os cantos, danças, alimentos e produções que utiliza no momento de seu ritual, nem sempre é possível identificar qual é o espírito fora desse contexto.

As máscaras carregam a identidade dos espíritos e demonstram isso principalmente através dos grafismos, mas muitas vezes a identidade uma máscara só faz sentido dentro do ritual que está sendo utilizada e ao ser retirada deste contexto – mesmo que ainda apresente grafismos – perde um pouco da identidade original. Assim além das marcas gráficas, para possuir a real identidade do espírito é necessário observar a performance xamânica.

A pintura em uma máscara é para aquele momento, pois ela é desenvolvida a partir do que o *yakapá* vê. Assim se torna algo inconstante e demonstra a criatividade dos espíritos. Os grafismos Waurá possui num repertório de 10 a 45 motivos na ornamentação, com um grande e flutuante repertório em momento de maior liberdade de expressão dos grafismos, mas os vistos e empregado com maior frequência normalmente são 16.

Apesar de alguns grafismos fazerem a representação de animais, não necessariamente foram inspirados por eles, animais e máscara são variantes uns dos outros.

Existem dois tipos principais de máscaras: as *Sapukuyawá* e as *Atuajuwá*. As máscaras *Sapukuyawá* são construídas de forma retangular e vertical, buscando mostrar anatomias não humanas ou animais, mas sim *apapaatai*. As faces laterais são grafismos que se entendem de um lado para o outro. A cor preta deriva principalmente do jenipapo, a vermelha da fruta do urucum e a amarela da raiz da árvore de urucum.

As máscaras *Atujuwá* se apresentaram dormentes durante o período de 1890 e 1965, sucessivas epidemias dentro das aldeias impediram as festas de *apapaatai*. Mas esses espíritos ainda estavam presentes entre os humanos, através de representações em painéis e outros objetos.



Título: Sapukuyawá
Etnia: Waurá
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena



Título: Atujuwá
Etnia: Waurá
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

Esses modelos de máscaras possuem um mesmo formato, mas podem fazer a representação de diversos espíritos diferentes. Assim as relações entre máscaras e espíritos são mais fluidas com uma forma fixa e uma mudanças de grafismos e adornos e identificam o espírito que a ocupa naquele momento ritual.

Algumas apresentam significados únicos e se relacionam somente a um objeto ou animal e assim representam uma forma e grafismos fixos. São chamadas de "relações fixas", como o *Apasa*. Ele seria uma pessoa de cabeça imensa, membros inferiores e superiores finos e de abdômen proeminente, ela seria a manifestação mais verdadeira, ou grotesca – podendo também ser chamado de Feio – da antropomorfia para os donos de feitiço (feiticeiros ou *ixana wekeho*).



Título: Apasa
Etnia: Yawalapiti
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

Outro exemplo de uma “relação fixa” seria as máscaras do macaco-prego (*Kapulu*) ou em seu nome apapaatai *Kapulukumã*.



Título: Kupulukumã
Etnia: Mehinako
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena



Existem também as máscaras chamadas de *Awexu/Ewexu*, o espírito da ariranha.

Título: Ewejo
Etnia: Kalapalo
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

E os casais *Xapukuyawá*: (na exposição representada somente a mulher).



Título: Xapukuyawá
Etnia: Mehinako
Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT
Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

As máscaras não são apenas as vestimentas, elas podem se apresentar como objetos. Um dos *apapaatai* mais poderosos e monstruosos no Médio e Alto Xingu é o *Jakui*, que se manifesta na Flauta Kawoká. É muito difícil que o pajé *yakapá* consiga retirar o espírito *jakui* de uma pessoa depois de adoecido, mas também é possível formar vínculos com esse espírito. E enquanto outros espíritos toleram uma aliança com outros *apapaatai*, o *Jakui* não, ele exige exclusividade absoluta.

É dito que um dia as flautas pertenceram as mulheres, mas que um dia os homens conseguiram roubar esses objetos e hoje em dia as mulheres não possuem permissão nem mesmo para olhar as máscaras.

O zunidor é outro instrumento que representa um espírito, o *apapayêi matapu* (Mehinako), esse também é um espírito poderoso, é mais velho e costuma ensinar outros apapayêi sobre como roubar almas. É dito que o som feito ao se girar um zunidor é a voz do apapaatai sendo manifestada.



Da esquerda para direita.

Título: Zunidores

Etnia: Mehinako

Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT

Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

Título: Zunidor

Etnia: Waurá

Procedência: Parque Indígena do Xingu - MT

Foto: Acervo MAI - Museu de Arte Indígena

Referencias

BARCELOS NETO, Aristóteles. Apapaatai: Rituais de Máscaras no Alto Xingu. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BARCELOS NETO, Aristóteles. As máscaras rituais do Alto Xingu um século depois de Karl von den Steinen. Société suisse des Américanistes/Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft. Bulletin 68, 2004, p. 51-71. Disponível em: https://www.sag-ssa.ch/bssa/pdf/bssa68_09.pdf . Acesso em: 13 nov. 2024.

BARCELOS NETO, Aristóteles. "Doença de Índio": o princípio patogênico da alteridade e os modos de transformação em uma cosmologia amazônica. Artigos, Campos. p. 09-34, 2006. Disponível em: <https://api.saudeindigena.icict.fiocruz.br/api/core/bitstreams/71719c13-65a4-475b-beb2-fb0afe5899b9/content>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BARCELOS NETO, Aristóteles. O despertar das máscaras grandes do Alto Xingu: Iconografia e transformação. Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar, v.2, n.2, jul.-dez., p.43-66, 2010. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/26>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BARCELOS NETO, Aristóteles. O universo visual dos xamãs wauja (Alto Xingu). Jornal de la société des amércanistes, n° 87, p. 137-160, 2001. Disponível em: <https://cema.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/2024/02/O-universo-visual-dos-xams-wauja.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BRAIDA, Roberta Garcia Anffe. Objetos Mehinako: Entre o rito, a retribuição e o mercado. 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/handle/handle/3450?mode=full>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRAIDA, Roberta Garcia Anffe. Objetos Rituais Mehinako: ativar ou desativar os poderes do apapayêi?. Tessituras, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 306-334, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/5987>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRAIDA, Roberta Garcia Anffe. Os espíritos Apapayêi e as doenças entre os Mehinako. Amazônia - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 790-806, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5675> . Acesso em: 25 nov. 2024.

WAUJÁ. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wauj%C3%A1#Aspectos_da_mito-cosmologia . Acesso em: 31 out. 2024.

XINGU. Povos Indígenas no Brasil. PIB. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>. Acesso em: 20/08/2024.

RIBEIRO, Berta G. Dicionário do Artesanato Indígena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.